

ISSN 2525-6904



ENSAIOS

Gays de Direita e a Nova Onda Conservadora

A negação de si mesmo e a contradição do conservadorismo nos costumes por parte de membros da comunidade LGBT+



Alexandre Lauriano COPELLI, *Universidade Cruzeiro do Sul*

Procurando compreender a nova onda conservadora e a contradição dos membros da Comunidade LGBT+ que se declaram conservadores nos costumes, este estudo conceitua o espectro político, descrevendo a história e os conceitos basilares da direita política, e de sua relação histórica com o catolicismo, para em seguida analisar as características dessa guinada à direita, principalmente a ocorrida no Brasil sob a influência dos movimentos evangélicos. Por fim, citam-se ainda casos de políticos LGBT+ conservadores, com seus modos próprios de ativismo antirrevolucionário, procurando realizar uma análise crítica desse processo de cooptação por um sistema que lhes usa ao mesmo tempo em que lhes despreza.

PALAVRAS-CHAVE: Gays de Direita. Nova Onda Conservadora. Conservadorismo nos Costumes. Comunidade LGBT+.



Introdução

Como questão norteadora, esse estudo procura refletir sobre o contrassenso presente na identificação de alguns membros da comunidade LGBT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e outros) com o conservadorismo nos costumes. Isso porque, historicamente, o conservadorismo nos costumes, presente na ideologia da direita política, é fruto da moral e da ideologia cristã da Idade Média, baseada nos ensinamentos da bíblia, e, conseqüentemente, completamente avessa aos comportamentos e sexualidades diversas.

Diante isso, e procurando compreender esses novos atores políticos, e seu modo próprio de conservadorismo nos costumes, esse artigo inicialmente descreve as manifestações do espectro político de direita, sua história e suas bases, bem como sua estreita ligação com o cristianismo hegemônico, para em seguida tratar da guinada à direita ocorrida na política internacional, principalmente a partir de meados de 2010.

Por fim, através de exemplos de políticos e figuras públicas da comunidade LGBT+, extraídos da imprensa, e que se identificam com um pensamento político de direita, e com um conservadorismo nos costumes, procura-se compreender esse novo ator político e suas particularidades, bem como realizar uma análise crítica do papel contrarrevolucionário e de antirresistência operado por eles em sua busca de consonância com as forças opressoras e mantenedoras das desigualdades impostas aos membros da comunidade LGBT+, da qual também fazem parte ainda que a neguem.

O Espectro Político e a Direita Contemporânea Brasileira

Gonçalves (2017) explica que o uso dos termos “direita” e “esquerda” dentro do espectro político remonta à Revolução Francesa, quando dois grupos com ideias diversas sobre os modos de condução da sociedade, girondinos e jacobinos, sentavam-se respectivamente à direita e à esquerda do salão da Assembleia Nacional Francesa. O principal ponto de divergência entre esses dois grupos relacionava-se às noções de liberdade e igualdade, sendo que para os girondinos (direita) a liberdade deveria ser priorizada, enquanto para os jacobinos (esquerda) a defesa da justiça social, pela igualdade, deveria ser o principal foco de luta.



Contudo, ao invés de serem tidos como forças contrárias, deve-se notar que esses dois polos dicotômicos formam uma relação de caráter contraposto e interdependente, onde apenas através do seu equilíbrio é que a sociedade pode encontrar estabilidade.

A partir dessa diferenciação surgem outros termos largamente utilizados para descrever pessoas alinhadas com essas ideologias, tais como: “conservador” ou “reacionário”, para se referir às pessoas de direita, e “progressista” ou “revolucionário”, para denominar os que se alinham à esquerda. Os conservadores são aqueles que procuram favorecer a manutenção das configurações vigentes na sociedade, enquanto os progressistas buscam realizar uma transformação radical visando maior igualdade social (GONÇALVES, 2017).

Nesse contexto inicial, o pensamento conservador procurava manter as estruturas sociais estabelecidas, mantendo o modo de vida e de organização social da Idade Média, em contraponto aos movimentos progressistas do Iluminismo que procurava realizar profundas transformações nessas estruturas, algo que se manifestou mais fortemente através da Revolução Francesa e da Revolução Industrial (GONÇALVES, 2017).

Visando a manutenção dessas estruturas, os conservadores, desde o princípio, mantiveram fortes laços com as instituições de poder estabelecidas, tal como a religião hegemônica da época, o Catolicismo, e a família. Assim, para a ideologia conservadora da época, todas as mudanças sociais e culturais instauradas pela sociedade ocidental na Modernidade eram reflexos de uma degeneração e de uma decadência social e moral. Na base do conservadorismo, portanto, assentam-se as ideologias da moral cristã católica, bem como os modos de vida e as instituições pré-modernas.

Os laços que unem o conservadorismo de direita à religião fundamentalista

Com a base do conservadorismo fundada sobre o ideal de manutenção das estruturas sociais e valores anteriores ao Iluminismo, e procurando manter o poder nas mãos das instituições que operavam na Idade Média, sua relação com a igreja hegemônica é quase que indissociável, e para compreender um, se faz necessário compreender o outro.



Para Santos (2012), a história da maioria das religiões é também a história do proselitismo religioso, que opera através de um movimento contínuo em busca da expansão de suas doutrinas, de seu domínio e seu poder. Explicando esse percurso histórico, a autora conta que as noções de liberdade religiosa, liberdade de expressão e de crença, que são vigentes nos Estados Democráticos de Direito da atualidade, foram conquistadas após muitas lutas contra o julgo da Igreja Católica Medieval, sendo conquistas do Iluminismo e da Modernidade.

Desde que o cristianismo deixou de ser uma dissidência perseguida pelo judaísmo, tornando-se a religião oficial do Império Romano, sua doutrina procurou fundamentar-se, transformando-se na fonte legitimadora do poder imperial e impondo sua ideologia pela força até um limite insustentável, quando a igreja começou a ameaçar até mesmo os poderes temporais e terrenos dos imperadores (SANTOS, 2012).

O processo de mudança gradual de poder ocorrido na Modernidade, com o fortalecimento do Estado e conseqüente enfraquecimento do domínio da Igreja Medieval, que se dividiu pelos movimentos protestantes, seguiu à revelia da luta conservadora que queria retomar e fortalecer o poder das velhas instituições e dos velhos valores. Mas ainda que de certa forma essa luta tenha sido perdida, com os Estados Democráticos de Direito e os valores da Modernidade se expandindo e ganhando força, no início do século XX, segundo Amaladoss (2002), surge, nos Estados Unidos, uma nova corrente conservadora que busca reavivar os valores do conservadorismo do passado, os fundamentalistas cristãos protestantes.

Se o protestantismo foi em parte um dos responsáveis pela perda de poder da igreja católica medieval, e conseqüentemente pela laicização do Estado e de seus valores, criados para refrear a guerra religiosa que se instaurou entre essas duas dissidências, foi ele também que trouxe esse novo fôlego conservador, que desde o século XX vem crescendo até culminar nessa nova onda conservadora que agora se observa no Brasil e em diversos países do mundo.

No início dessa onda conservadora, os religiosos protestantes dos EUA começaram a se voltar contra os crescentes avanços tecnológicos e científicos frutos da Revolução Industrial. Sentindo que suas crenças estavam cada vez mais ameaçadas por teorias tal como a da evolução das



espécies, de Charles Darwin, foram eles que iniciaram o movimento do fundamentalismo cristão contemporâneo (AMALADOSS, 2002).

Guardando um sentimento saudosista, próprio do conservadorismo, e enxergando todas as mudanças sociais pós-iluministas como uma espécie de degradação moral e social, esses religiosos tornaram-se os precursores dos movimentos fundamentalistas cristãos da atualidade. Isso porque entendiam que as teorias científicas afrontavam o texto bíblico em sua narrativa de criação, e que se construía a partir de uma visão ateísta de mundo, numa visão puramente naturalista, descartando a necessidade de um Deus criador (AMALADOSS, 2002).

Esses mesmos grupos fundamentalistas paulatinamente foram se voltando contra outras filosofias, teorias e escolas de pensamento, tal como o comunismo, que para eles era considerado um propagador do ateísmo e de todas as degradações da Modernidade (AMALADOSS, 2002). Ganhando cada vez mais força, esses grupos fundamentalistas seguiram crescendo e se espalhando pelo mundo, sendo eles os precursores do fundamentalismo protestante e evangélico brasileiro.

Baseando-se nessas premissas históricas, fica demonstrada a estreita ligação entre a ideologia de direita e às ideologias religiosas fundamentalistas. O que mostra o perigo dessa ideologia conservadora, e seu potencial violento e injusto. Isso porque, como explica Amaladoss (2002), a maioria das religiões, principalmente as hegemônicas, são potencialmente violentas em suas bases, sendo instituições estruturalmente fundamentalistas (por considerarem-se detentoras da verdade única), e proselitistas, (por acreditarem-se imbuídas do dever de converter os outros para as suas verdades). Ou seja, sempre que a religião procura converter o outro, que deveria poder professar sua própria fé sem a necessidade de ser constrangido, comete violência, e torna-se uma religião fundamentalista.

Nesse sentido, quando o pensamento político, seja ele de direita ou de esquerda, associa-se à religião fundamentalista, seja o catolicismo primitivo ou o novo protestantismo evangélico de muitas denominações, estabelece um perigoso precedente de violência. Isso porque essas religiões fundamentam-se na noção primária de bem e mal, onde, por consequência, o bem estará sempre associado a si próprio, e ao seu grupo, enquanto o mal será imputado à todos aqueles que pensam de modo diverso, que possuem outros modos de vida ou outros valores. Por



essa visão fundamentalista, aqueles que não creem nas bases de sua doutrina e na literalidade de seu livro sagrado estarão automaticamente associados com o mal, com o Diabo, com aquele com o qual Deus está em guerra declarada, e portanto, eles os seus súditos também devem estar (AMALADOSS, 2002).

Para o pensamento fundamentalista, todos aqueles que possuem crenças e morais diversas devem ser combatidos ideológica ou fisicamente. Nessa luta, a violência não somente é aceita, mas até mesmo encorajada. É assim que uma “guerra justa” torna-se uma “guerra santa”, uma *jihad*, ou uma cruzada para destruir aqueles que são inimigos de Deus e causa de todo o sofrimento que se abate sobre os homens (AMALADOSS, 2002).

É preciso observar, porém, que essa análise associativa entre o pensamento de direita, como concebido inicialmente em suas raízes históricas, e o fundamentalismo religioso, trata principalmente das raízes do conservadorismo nos costumes. Essa associação com a religião fundamentalista não é tão necessária quando falamos do conservadorismo econômico, que não é o foco deste estudo. Nesse segundo caso, parece possível ser um conservador (em economia) e LGBT+, sem um contrassenso aparente. Aqui, no entanto, cabe analisar os novos movimentos conservadores nos costumes, sua associação com as ideologias religiosas fundamentalistas (com algumas correntes evangélicas que ganham cada vez mais poder político) e a participação de membros da comunidade LGBT+ nesses movimentos.

A distribuição religiosa no Brasil e sua crescente participação política

Segundo dados do último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, no Brasil 86,8% das pessoas declaram-se cristãs, sendo que desses, 64,6% são católicos e 22,2% evangélicos das mais diversas denominações. Esses dois grupos dominantes assumem um grande destaque na política nacional, com grande influência sobre os votos de seu eleitorado, apoiando políticos que se posicionam de acordo com seus interesses, e lutando contra as propostas de grupos sociais contrários a suas ideologias (SOUZA, 2013).

Todavia, o crescimento numérico dos evangélicos nas últimas décadas mostra uma tendência de superação do catolicismo nos



próximos anos. Essa projeção é também do IBGE (2010), e a perspectiva é de que até o ano de 2020, na realização do próximo censo, esse grupo religioso plural já represente a maioria da população brasileira.

Do ponto de vista da participação política, os evangélicos, que a princípio eram discretos, passaram a adquirir maior visibilidade a partir da Assembleia Constituinte de 1988. Foi quando a maioria de seus representantes se alinharam em torno de seus interesses e passaram a atuar como um grupo político, formando a atual Bancada Evangélica que gradualmente vem ganhando poder no congresso e no senado. Desde então, esse estreitamento das relações entre igreja e Estado tem gerado questionamentos quanto à laicidade do Estado brasileiro, e suscitado dúvidas quanto a seus perigos potenciais (SOUZA, 2013).

A Bancada Evangélica vem crescendo nas últimas eleições, e isso mostra a forte relação dos religiosos com a política na atualidade, bem como o seu poder crescente de impingirem suas ideologias, agendas, crenças e valores pessoais à população brasileira em geral. Segundo dados do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP), de 2018, nos últimos pleitos a Bancada Evangélica teve um crescimento médio de 20%, e nas eleições de 2018 eles mais do que dobraram sua representação no senado, passando de 3 para 7 parlamentares.

Aumentando o contingente desse grupo aumenta-se também sua força política, como evidenciado pela última eleição presidencial brasileira, de 2018, onde Jair Bolsonaro foi eleito, sendo o primeiro presidente brasileiro alinhado ao cristianismo evangélico fundamentalista. Para sua vitória ele contou com o apoio de grandes lideranças evangélicas, e utilizou um *slogan* de campanha descaradamente proselitista que proclamava o “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”. O que lhe rendeu resultados, pois segundo Alves (2018), foi de fato o voto evangélico que garantiu sua vitória em segundo turno.

A Nova Onda Conservadora no Brasil

Brugnago e Chaia (2015), explicando essa nova tendência conservadora no Brasil, dizem que a partir das manifestações ocorridas no mês de junho de 2013, o cenário político do país passou por uma reviravolta. A partir de então, a identificação das pessoas com as posições políticas da esquerda e da direita se afluaram. As manifestações



tomaram as ruas de todo o país com reivindicações diversas e permeadas por um sentimento de saturação e de insatisfação generalizada. Ainda dentro das próprias manifestações já começaram a despontar rapidamente as diferenças ideológicas, separando a massa de pessoas em dois rumos de militância opostos (BRUGNAGO e CHAIA, 2015).

No início não se sabia a duração e a força que essas manifestações teriam, mas elas provaram-se persistentes e mantiveram-se até as eleições de 2014, onde de um lado a esquerda se mobilizou contra o que seria um projeto neoliberal do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), enquanto um conjunto de correntes políticas que formam a direita (tais como: liberais, militares, evangélicos, católicos, dentre outros) começaram a fomentar um forte antipetismo, declarado como antipartidário. A partir de então, o radicalismo conservador da direita começou a crescer e a adquirir elementos de ódio (BRUGNAGO e CHAIA, 2015).

Procurando compreender esse fenômeno, Cepêda (2018) cita estudos que buscam estabelecer o contexto histórico, as causas e os efeitos desse novo padrão de disputa política fortemente ideologizada, surgida a partir de 2013, com a crescente predominância da direita. Esses estudos apresentam seis hipóteses acerca do protagonismo assumido por intelectuais da nova direita brasileira: [1] coerência com o momento histórico e com o cenário internacional, entendendo a nova direita como um fenômeno global; [2] o distanciamento da ditadura, que com o passar do tempo esmaece na memória dos brasileiros e distorce a percepção sobre os riscos e vícios do autoritarismo; [3] as mudanças tecnológicas e funcionais da indústria cultural; [4] a criação de espaços institucionalizados para produção e difusão do pensamento liberal ou de direita, principalmente na internet; [5] os sucessos e fracassos dos governos de esquerda do país, aumentando a força da polarização política; [6] a crise do sistema partidário e do sistema representativo, gerando uma espécie de ódio à democracia.

Porém, Cepêda (2018) faz um alerta contra a generalização das pessoas envolvidas nos movimentos de direita, uma vez que “a nova direita” é apenas um rótulo utilizado para denominar um movimento extremamente plural. No caso brasileiro, por exemplo, esse movimento aglutinaria:

[...] entusiastas do regime militar, que desejariam uma ação pela força para destroçar o atual estado de coisas; [...] conservadores que se



moldam a um viés mais “continental” europeu, preferindo uma roupagem mais “religiosa”; [...] defensores do retorno da monarquia; [...] “libertários”, que pregam a privatização de tudo quanto possam e, em um ponto extremo, chegam ao anarco-capitalismo. (BERLANZA, 2017, apud CEPÊDA, 2018, p.53)

São, portanto, muitas as direitas emergentes nesse novo cenário mundial, e muitas as possíveis causas de seu processo de ascensão. Procurando explicá-las, Coutinho (2018), um ensaísta e cientista político português, expõe seus pensamentos sobre o conservadorismo ao qual ele mesmo é filiado. Segundo o autor, o maior perigo dessa nova direita é sua nefasta associação entre o pensamento político e a fé. Para ele, a direita coerente deveria estar mais próxima do ceticismo, longe da mentalidade radical e utópica que levaram ao fascismo e ao nazismo. O que mostra que o conservadorismo econômico e o pensamento de direita podem se manifestar dissociados de um conservadorismo nos costumes retrógrado e baseado na perigosa moral cristã fundamentalista daqueles que não aceitam as diferenças.

Assim, esse estudo procura compreender a contradição existente no fato de um membro do grupo LGBTQ+ manifestar-se ao mesmo tempo como adepto do conservadorismo nos costumes, a partir do viés religioso fundamentalista, principalmente o de alguns grupos evangélicos do país. Procurando entender o que leva essas pessoas a adotarem crenças contrárias a si mesmas, já que para esse grupo religioso e político, ao qual aderem, tudo aquilo que envolve os LGBTQ+ (sexualidades, gêneros e costumes diversos) é associado com o mal a ser combatido.

O medo como arma da virada ideológica e ferramenta de cooptação religiosa

O medo sempre foi utilizado como ferramenta política e de dominação, seja por alguns grupos religiosos hegemônicos, seja pelo Estado. Sobre esse processo do medo na sociedade Ocidental, Ramoneda (2000) escreve:

No Ocidente houve um empenho para construir um novo inimigo, porque o medo é sempre uma ajuda para o governante. O inimigo é o Outro, o que põe em perigo a própria identidade, seja a ameaça real ou induzida. O temor ao Outro favorece a coesão nacional em torno do poder e faz com que a cidadania seja menos exigente com os que governam. (RAMONEDA, 2000, p.22)



Sobre isso, Marilena Chauí, descrevendo o processo de surgimento da religião, do fundamentalismo e do poder teológico-político, diz que para Espinoza a base dessas instituições é a superstição, que não é nada mais do que fruto do medo. “A que ponto o medo ensandece os homens! O medo é a causa que origina e alimenta a superstição [...] os homens só se deixam dominar pela superstição enquanto têm medo [...]” (ESPINOSA, 1925, apud CHAUI, 2006, p.135).

O filósofo Slavoj Žižek também fala dessa questão do medo usado como ferramenta política e de dominação, descrevendo um processo ocorrido nas sociedades contemporâneas, onde se cria uma aglutinação de diversos medos difusos em um centro comum, atribuindo-o a certos objetos, pessoas e contextos. No caso das últimas eleições brasileiras, por exemplo, o medo comum passou a girar em torno da figura do Partido dos Trabalhadores (PT). Por esse processo, todos os medos, do desemprego, da miséria, da fome, e etc., foram inteligentemente associados pela direita como se fossem única e exclusivamente responsabilidades do governo do PT, ao qual combatem (BRUGNAGO e CHAIA, 2015).

O uso do medo como ferramenta política não é recente, e processos parecidos com o ocorrido nas últimas eleições podem ser encontrados em diversos períodos históricos, como por exemplo, no poder que a Igreja Católica conquistou na Idade Média (através do medo da perdição eterna), ou no golpe militar de 1964, quando a ameaça clássica do medo vermelho, representado pelo comunismo, toma conta do imaginário popular brasileiro a ponto de que grande parte das pessoas tenha oferecido seu apoio à ditadura que se instaurava (BRUGNAGO e CHAIA, 2015).

Sobre esse processo do medo como ferramenta de controle social, Miskolci (2007) fala da noção de “pânicos morais”, onde a sociedade é instigada a reagir a determinadas situações, pessoas, grupos e identidades sociais como representantes de alguma forma de perigo. Esse termo foi criado em 1960 por Stanley Cohen, um doutorando da Universidade de Londres, que identificou esse processo de sensibilização social onde alguns comportamentos e grupos de pessoas “desviantes” recebem uma forte reação coletiva por conta de pequenos desvios realizados.

Assim, Cohen criou o conceito de pânicos morais para caracterizar a forma como a mídia, a opinião pública e os agentes de controle social reagem a determinados rompimentos de padrões normativos. Em seus



próprios termos, quando emerge um pânico moral: Uma condição, um episódio, uma pessoa ou um grupo de pessoas passa a ser definido como um perigo para valores e interesses societários; sua natureza é apresentada de uma forma estilizada e estereotipada pela mídia de massa; as barricadas morais são preenchidas por editores, bispos, políticos e outras pessoas de Direita; especialistas socialmente aceitos pronunciam seus diagnósticos e soluções; recorre-se a formas de enfrentamento ou desenvolvem-nas. Então a condição desaparece, submerge ou deteriora e se torna mais visível (COHEN, 1972, apud MISKOLCI, 2007, p.111).

Esses pânicos morais podem ser novos ou antigos na sociedade, como é o caso do medo atual de alguns grupos religiosos fundamentalistas e políticos conservadores para com questões associadas ao mundo LGBT+, tais como: sexualidade, gênero, casamento gay, adoção por casais homoafetivos, e etc. Desse modo, percebe-se que além de o medo ser uma grande ferramenta de dominação política, ele pode associar-se com determinadas correntes religiosas, tal como o catolicismo primitivo e o protestantismo fundamentalista, operando uma dicotomia entre os conceitos de nós e eles, bem e mal, a fim de buscar uma conversão proselitista do outro que, ao pensar diferente do grupo ao qual eu pertença, encarna todos os males e recebe a culpa por todos os meus medos.

Esse medo do outro, do diferente, e de aspectos de nós mesmos que a moral de algumas religiões condena e ensina a condenar, pode ser uma das causas que garantem a cooptação de membros da Comunidade LGBT+ para ideologias que ataquem características de si mesmos, tal como a sua própria sexualidade. O medo do inferno, da perdição eterna e do “pecado da homossexualidade” infelizmente ainda apresenta-se muito vivo no imaginário de grande parte dos LGBTs, e de muitos desses líderes políticos e religiosos que, ainda que fazendo parte desse grupo, negam-no para negarem-se a si mesmos, e para apaziguarem o medo do “pecado” que acreditam carregar.

LGBTs identificados com o conservadorismo nos costumes e a negação de si mesmos

A direita política está, desde o seu princípio, intimamente ligada à manutenção de valores, instituições e estruturas sociais conservadoras, como a Igreja Católica Medieval e, atualmente no Brasil, à alguns grupos



fundamentalistas evangélicos. Essa relação histórica é ainda muito forte e presente, e pode ser verificada pelos discursos de políticos, líderes religiosos e membros das diversas religiões que, insistentemente, afirmam o desejo explícito de unir as esferas políticas, sociais e religiosas, criando uma sociedade cada vez mais afinada com seus valores, ideais, crenças e dogmas. Por isso, a questão do conservadorismo nos costumes está indissociavelmente ligada à questão da religiosidade fundamentalista, e leva ao questionamento que norteia esse estudo: o conservadorismo nos costumes por parte de membros da comunidade LGBT+ não se configura em um contrassenso?

Santos (2003), analisando a difusão da teologia na vida cotidiana da civilização ocidental, diz que a penetração do discurso religioso geralmente se dá por uma incitação do medo de si mesmo. Isso porque, para a autora, o sujeito não é algo em si, determinado a priori e independente do contexto social e de sua dimensão afetiva. O sujeito é constituído por seus afetos, portanto, mudando-se os seus sentimentos muda-se a própria pessoa, suas crenças e valores.

Ao instigar medo no sujeito, e, principalmente, um medo de si próprio, consegue-se cooptá-lo para qualquer coisa. Se o indivíduo passa a se entender como sendo o seu grande obstáculo, ele estará disposto a voltar-se mais docilmente para o outro em busca de um caminho. Se as vozes em sua cabeça e seus desejos mais íntimos são pecaminosos, e o levarão à perdição eterna, quais vozes externas deverá ouvir? Aquelas que ofereçam discursos de esperança, e que alinhadas com essa culpabilização de si mesmo, que ele já aceitou como verdade, ofereçam possibilidade de apaziguamento para aqueles medos internos que aprendeu a cultivar.

Desse modo, é fácil compreender que uma pessoa religiosa escolha ideologias políticas de contenção e de negação de si próprio. Lutando externamente contra aquilo que é, mas não quer ser, contra aquilo que não pode se permitir ser, diante do grande medo da perdição que lhe foi inculcado. São esses sentimentos que gestam personalidades como as citadas adiante, de homossexuais que entram na política não para lutar por sua causa e pela libertação desse julgo social nefasto que recai sobre si, e seus iguais, mas para atravancar-lhes o caminho. Essas pessoas, muitas vezes, farão essa luta crendo mesmo estarem imbuídas de alguma missão religiosa, salvadora, e que lhes trará, no futuro distante de alguma outra vida, um apaziguamento para essa tensão interna que a aceitação ajudaria a resolver.



Os Capitães do Mato e a Política de Antirresistência dos Gays Conservadores

Inicialmente, é preciso pontuar que esse não é um fenômeno brasileiro, já que de acordo com Thomaz (2018c), a emergência de figuras públicas e políticas que se declaram homossexuais de direita, e conservadores nos costumes, é uma ocorrência observada em diversos países. Como exemplo, o autor cita o caso de Florian Philippot, coordenador da campanha presidencial de Le Pen, política francesa de extrema-direita, que em 2014 foi declarado homossexual por uma revista, através da publicação de fotos suas com seu namorado. Em um partido conhecido por seu antissemitismo, racismo e homofobia, essa notícia, entendida por muitos como oportuna, abriu as portas para seu uso político na tentativa de uma aproximação com eleitorado LGBT.

Além de Philippot, um dia antes da revelação acerca de sua sexualidade, o ativista gay Sébastien Chenu deixou o partido UMP, União por um Movimento Popular, de centro-direita, para também ingressar na Frente Nacional da França, partido pelo qual foi eleito deputado nas eleições legislativas de 2017. Esses dois eventos combinados aumentaram as suspeitas de que o partido teria decidido voltar-se conscientemente para a causa gay em busca de votos, usando ambos para isso (THOMAZ, 2018c).

No Brasil, no ano de 2006, Clodovil Hernandez, figura pública, tornou-se deputado federal, sendo o mais votado naquele ano. Homossexual assumido, ele preenchia todos os requisitos do conservadorismo moral, sendo inclusive contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo, por motivos religiosos: “O que é realmente certo diante do poder superior, que a gente chama de Deus, é o homem e a mulher porque eles geram uma outra alma que vem ao mundo” (CLODOVIL HERNANDES, apud THOMAZ, 2018b).

Nesta reportagem sobre gays de direita, feita por Thomaz (2018c), foram entrevistadas algumas dessas figuras públicas que se identificam como conservadores nos costumes, apesar da contradição flagrante entre essa ideologia e suas sexualidades. Um desses jovens, por exemplo, é Rommel Werneck, professor, ativista político e um dos



coordenadores do grupo Direita São Paulo¹. Ele é homossexual assumido, católico e acredita que sua sexualidade é incompatível com sua própria fé. Vai à missa nos domingos, mas não se confessa, pois, segundo ele, sua situação de vida não permite.

Ainda de acordo com a reportagem de Thomaz (2018b), a condição sexual de Werneck não gera quaisquer constrangimentos ou tentativa de impedimento no grupo Direita São Paulo, ao qual é filiado. Mas, a questão que se coloca sobre a aceitação de Werneck, ou de outros homossexuais nesses ambientes, como a suposta aceitação de Philippot por seu partido francês historicamente homofóbico, é se essa seria uma aceitação verdadeira ou uma aceitação conveniente. Essas figuras, ainda que homossexuais, estão ali justamente para lutar contra as agendas de luta pela igualdade dos movimentos LGBT+, do qual fazem parte, mas negam. Vale lembrar que na época da escravidão alguns negros também eram bem aceitos como Capitães do Mato, quando estavam ali ao lado da classe dominante apenas para servirem de ferramenta para manutenção da escravidão de seus iguais.

Sobre isso, Corrales (2015) também pensa que a aceitação de algumas questões e pessoas LGBT+ por partidos de centro-direita demonstra apenas um desejo de vencer a esquerda na competição partidária, tentando se mostrar mais modernos para oportunistamente ganhar votos, ainda que de fato esses partidos não estejam realmente empenhados na luta pelos direitos e bem-estar dessa comunidade.

Voltando à reportagem de Thomaz (2018b), outro personagem entrevistado é Smith Hays, engenheiro de 30 anos de idade, com mais de 50 mil seguidores em uma de suas redes sociais, até a data da entrevista, e que se define como um gay de direita. Defensor da família tradicional, ele foi um dos fortes influenciadores na campanha de 2018 do então candidato Jair Bolsonaro, afirmando acreditar que o então presidenciável não tinha nada contra os gays, mas afirmando que mesmo que esse tivesse, ele não se importaria, e continuaria a dar-lhe o seu voto.

¹ De acordo com sua página na internet, o Direita São Paulo (DSP) é um movimento conservador criado em 01 de maio de 2016 com o objetivo de batalhar pelos valores que norteiam a direita brasileira. Não tendo vínculo com nenhum partido político, o grupo defende que seu partido é a própria direita em si. Assim, a entidade trabalha através de três pilares: encontros semanais (com palestras, aulas e debates); as manifestações de rua; e as ocupações em casas legislativas. Além disso, procuram trabalhar no campo cultural através de palestras e encontros, com claras intenções de ocupar cargos eletivos nas casas legislativas. Por fim, o DSP é um movimento conservador, não fazendo quaisquer articulações com organizações de esquerda ou liberal (DIREITA SÃO PAULO, 2019).



Isso demonstra que a população LGBT+ é muito diversa e que seus membros podem abraçar diversas ideologias, tanto econômicas quanto comportamentais, sociais e morais, fazendo com que, muitas vezes, essas outras ideologias tenham um peso maior na escolha de suas posições políticas do que a questão da sua sexualidade. Assim, mesmo que sua sexualidade não seja aceita nesses meios conservadores, essas pessoas, por aceitarem e darem mais peso à ideologia conservadora em outros setores, como o econômico, acabam relevando os pensamentos opostos à sua sexualidade.

Contudo, isso não deixa de ser estranho e de soar aparentemente contraditório, pois muitos desses gays conservadores de fato não só aceitam esse preconceito em seus meios, como o reafirmam, lutando contra direitos dessa população da qual também fazem parte. Essa estranheza é colocada pelo jornalista Thomaz (2018b) na seguinte indagação:

[...] se você é gay, como apoia alguém que publicamente desrespeita, faz troça, condena, difama e agride sua orientação sexual, algo de cunho tão íntimo e pessoal? Bolsonaro já disse que prefere que um filho seu morra num acidente do que apareça com “um bigodudo por aí”, que ter filho gay é falta de “palmada” e que “ninguém gosta de homossexual”, apenas suporta. (THOMAZ, 2018b)

Provavelmente, um dos motivos que permitem esse tipo de estranho comportamento, quase masoquista, é a complexa questão da culpa e do medo incutidos nos homossexuais por algumas religiões fundamentalistas, como discutido anteriormente. Essa hipótese parece ser comprovada por esses casos aqui citados, e por tantos outros de conhecimento público, onde gays conservadores declaram abertamente sua filiação religiosa fundamentalista e assumem publicamente essa visão pecaminosa de sua própria sexualidade, lutando contra ela.

Essa hipótese certamente não abrange todos os casos de membros da comunidade LGBT+ conservadores nos costumes. Como em qualquer comunidade, os LGBTs são plurais, e poderá haver gays conservadores nos costumes que não professem crenças religiosas fundamentalistas, mas certamente essa não é a regra, e esses não tenderão a lutar contra a homossexualidade e seus direitos, mas apenas apegar-se à outras noções e manifestações do conservadorismo. Todavia, ainda que existam exemplos como esse, é certo que, saiba ou não, essas pessoas também estão operando dentro de uma ideologia e de um sistema conservador que, em sua base histórica, se construiu sobre os



preceitos da religião fundamentalista hegemônica. Ou seja, de um modo ou de outro, onde há conservadorismo nos costumes, há noções religiosas fundamentalistas e o desejo de retomar ou manter valores cristãos tradicionais.

Contudo, como dito, no geral essa associação com o fundamentalismo religioso está presente e é de fato explicitada por essas pessoas. Continuando com os exemplos de LGBTs que professam esse tipo de fé e de ideologia contrárias a si próprios, outro nome em voga no país é o de Fernando Holiday, “um gay não praticante”, segundo definição de Thomaz (2018c). Isso porque o então vereador afirma ser gay, mas não fazer sexo em respeito à bíblia e à sua fé. “Desde a conversão, Holiday tem buscado seguir à risca o mandamento presente no Levítico (20:13): ‘Se um homem se deitar com outro homem, como se fosse com mulher, ambos terão praticado abominação.’” (HOLIDAY, apud THOMAZ, 2018c).

A triste afirmação retoma novamente o conceito da culpa e do medo da própria homossexualidade e de como a moral cristã pode aprisionar as pessoas em uma negação de si mesmas. O que se demonstra pelas sucessivas afirmações de Holiday acerca da própria fé e de sua contradição em relação à sua sexualidade: “O fato de eu namorar outro homem é um pecado. O fato de eu ter um desejo constante por outra pessoa do mesmo sexo, mas não fazer isso, não é um pecado. É a única saída em estar na Igreja Católica e ser homossexual” (HOLIDAY, apud THOMAZ, 2018c).

Quando esses homossexuais filiados a partidos, instituições e grupos conservadores nos costumes procuram demonstrar que são bem aceitos nesses ambientes, de que tipo de aceitação se está falando? Pode se chamar de “aceitação” essa tolerância que só aceita o outro quando ele pensa como eu, e reproduz a minha fala? Pode ser considerada aceitação o uso da pessoa LGBT+ para reproduzir a fala preconceituosa que esses grupos propagam? Por que essa mesma aceitação não se estende aos outros integrantes da comunidade LGBT+ que não aceitam ser chamados de pecadores, de doentes e que não permanecerão calados diante das tantas desigualdades e falta de direitos?

Um último caso que ilustra essa problemática é o do deputado estadual Douglas Garcia, do Partido Social Liberal (PSL), mesmo partido do presidente Jair Bolsonaro que em entrevista à Revista Época de 2011 assumiu-se “preconceituoso com orgulho” (JAIR BOLSONARO, apud



POMPEU, 2017). Em 2019, um dia após fala transfóbica de Douglas Garcia no plenário, onde disse que tiraria transexual do banheiro masculino a tapa, ele decide assumir sua homossexualidade a partir de um “outing”², ou seja, uma ameaça de vazamento de seus vídeos íntimos com outros homens (PORTAL PRAGMATISMOPOLÍTICO, 2019).

No entanto, o mais interessante desse caso, e que diz muito sobre seus medos e sobre o real clima do seu partido em relação à homossexualidade, é o fato de Douglas Garcia ter pedido permissão para se assumir, com medo de que isso prejudicasse sua bancada. Num ato que deixou claro que tanto para ele, como para o partido e para a ideologia que segue, a homossexualidade está longe de ser aceita como algo simples e natural.

Na fala da deputada Janaina Paschoal, também do PSL, e que ficou incumbida de revelar a sexualidade de seu companheiro de partido em plenário, ela cita o receio de Douglas Garcia: “ele veio falar comigo incrivelmente preocupado que isso pudesse prejudicar a bancada [do PSL], e eu falei pra ele, ‘filho, pelo amor de Deus, só se fossem pessoas absolutamente irracionais, não faz o menor sentido” (PORTAL PRAGMATISMOPOLÍTICO, 2019).

Ainda que o partido tenha lhe dado permissão para que ele revelasse sua sexualidade, e que a fala de Janaina Paschoal tenha tentado passar uma ideia de naturalidade em relação ao assunto, fica o questionamento: Por que justamente o homossexual envolvido na questão não sentia exatamente essa mesma confiança e esse mesmo clima amistoso para com a sua homossexualidade? Por que Douglas Garcia receou em se assumir e sentiu a necessidade de pedir permissão para tanto? Será que a homossexualidade é realmente tratada com tanta naturalidade por aquele partido e por sua ideologia, como fez parecer Janina Paschoal? Qual é o real clima, a real aceitação e o real status dos homossexuais dentro de grupos assumidamente conservadores?

² *outing* é o ato de expor a orientação sexual de uma pessoa sem o consentimento desta. Há um grande debate sobre a questão, pois de modo geral o *outing* é usado politicamente, para revelar a hipocrisia de figuras públicas e políticos acerca de suas práticas homossexuais secretas a revelia de suas falas e posicionamentos preconceituosos. Porém segundo Costa, Machado e Antunes (2006), é preciso cuidado no uso dessa prática, pois ela também pode ocorrer na vida de pessoas anônimas, fruto de atos de vingança, agressão moral ou chantagem, onde alguém, por necessidade de controle ou intimidação, revela ou ameaça revelar a sexualidade de outrem, gerando assim possíveis perdas sociais, tais como: perda de emprego, abandono de familiares e amigos, ou até mesmo a perda da custódia de filhos de relações heterossexuais anteriores.



Essas são questões a serem pensadas, revelando a complexidade do quadro e o quanto o preconceito e a violência ainda estão impregnados em vários setores da sociedade, mesmo que em muitos deles, como nesses partidos conservadores, se procure vender a ideia de que são questões superadas. Em verdade uma tentativa de desarticular a luta LGBT+, pois se tudo já foi resolvido, nada mais precisa ser conquistado.

Considerações Finais

O conservadorismo nos costumes, de alguns grupos da direita política, está íntima e historicamente associado à manutenção de estruturas sociais tais como a religião hegemônica e a família tradicional, buscando manter o poder, a moral, os valores, a ideologia e os dogmas dessas instituições medievais. As religiões que fundamentam esse conservadorismo, com base histórica no Catolicismo, e mais recentemente em algumas tradições evangélicas, trabalham, por sua vez, com duas bases de violência: a primeira é seu fundamentalismo inerente, já que essas religiões se colocam como as únicas detentoras da verdade; e a segunda é o seu proselitismo, uma vez que assumem a necessidade de converter aqueles que não professam a mesma fé ou não vivem sob os mesmos códigos morais.

Assim, se o conservadorismo histórico procurava a manutenção de valores medievais, tais como a igreja, a família e o feudalismo, na atualidade, com o avanço dos valores da Modernidade e a laicização do Estado, o conservadorismo nos costumes, de base fundamentalista, procura reaver valores perdidos dessas instituições, onde, por exemplo, a homossexualidade não era, e não pode ser aceita, pois é condenada pela Bíblia, seu código ético-moral, que recomenda textualmente que os homossexuais sejam mortos (Levítico 20:13). Dessa forma, não é possível ser um homossexual conservador nos costumes sem incorrer em uma grande contradição, pois o conservadorismo nos costumes nega justamente os novos costumes sexuais, as novas configurações familiares e as novas identidades representadas pela comunidade LGBT+.

Neste sentido, o homossexual conservador nos costumes luta para manter um mundo que o nega. Luta em uma ação contrarrevolucionária que leva a uma antirresistência, ou seja, luta pela desistência e pela aceitação de todas as injustiças, violências e desigualdades que recaem sobre ele e seus iguais. Essa aceitação de



valores que o negam pode ter inúmeras causas, já que são plurais os seres humanos e suas motivações, mas, para além do aspecto político que essa pessoa professe (direita ou esquerda) e para além de sua visão mais conservadora ou progressista em economia e outros assuntos, aceitar um conservadorismo nos costumes, de base religiosa fundamentalista, é uma contradição.

Esses LGBTs estabelecem uma guerra contra si mesmos, movida, principalmente, pelo medo e pela culpa de sua condição sexual, plantados pela moral religiosa que os dominou. Isso é verdade ainda que esses sujeitos não necessariamente professem uma fé fundamentalista, afirmando serem conservadores nos costumes para manter outras instituições tal como a família tradicional e os valores do passado, dissociados de uma religião. Todavia, de uma forma ou de outra, se o sujeito assumiu uma ideologia conservadora nos costumes, essa já está, historicamente, fundamentada em ideologias fundamentalistas do cristianismo medieval e seu código de conduta moral, a Bíblia, que permanece a mesma.

O medo da perdição eterna, e do pecado que representaria a homossexualidade, ainda se manifesta fortemente no imaginário de grande parte da população, e de muitas dessas pessoas LGBTs que se assumem fundamentalistas ou conservadoras nos costumes, negando no outro o que gostariam de negar em si, e procurando apaziguar esse conflito que a aceitação resolveria. Esses LGBTs adentram os grupos conservadores radicais sem perceberem que estão sendo politicamente usados, acreditando em uma aceitação que não existe.

Os religiosos fundamentalistas e políticos conservadores nos costumes não mudaram de ideia com respeito à homossexualidade, pois seu código moral permanece o mesmo. Eles não aceitam de fato esses LGBTs que vêm para o seu meio, não os aceitam como são, mas os aceitam justamente porque esses fazem coro aos seus preconceitos e negam sua própria sexualidade em nome da moral antiquada por eles partilhada.

Referências

ALVES, José Eustáquio Diniz. *O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro*. Instituto Humanitas Unisinos. 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584304-o-voto->



evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro>. Acesso em 10/04/2019.

AMALADOSS, Michael SJ. Religiões: violência ou diálogo? *Perspectiva Teológica*, V.34, p.179-196, 2002. Disponível em:<<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/631>>. Acesso em 09/04/2019.

BRUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. *Revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.7, n.21, p.99-129, out.2014-jan. 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22032>>. Acesso em 13/04/2019.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Mediações*, londrina, v.23, n.2, p.75-122, mai./ago. 2018. Disponível em:<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34801>>. Acesso em 14/04/2019.

CHAUÍ, Marilena. Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político. In *Filosofia Política Contemporânea: Controvérsias sobre Civilização, Império e Cidadania*. São Paulo: Departamento de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Abril 2006. Disponível em:<<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/secret/filopolconbr/Chaui.pdf>>. Acesso em 14/04/2019.

CORRALES, Javier. The Politics of LGBT Rights in Latin America and the Caribbean: Research Agendas. *European Review of Latin American and Caribbean Studies*, n.100, 2015, p. 53-62. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/286639391_The_Politics_of_LGBT_Rights_in_Latin_America_and_the_Caribbean_Research_Agendas>. Acesso em: 08/10/2019.

COSTA, Laura Gil; MACHADO Carla; ANTUNES, Rute. Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Estudo conduzido no âmbito do projecto “Violence in juvenile dating relationships” (PTDC/PSI/65852/2006)*. Disponível em: <<https://www.rea.pt/imgs/uploads/doc-estudos-2009-violencia-relacoes->



homossexuais-face-oculta-agressao-intimidade.pdf>. Acesso em: 09/10/2019.

COUTINHO, João Pereira. *As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários*. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

DIREITA SÃO PAULO (DSP). *Direita São Paulo – Quem somos nós*. [ONLINE, 2019]. Disponível em: <<https://direitasaopaulo.wordpress.com/sobre/>>. Acesso em: 07/10/2019.

GONÇALVES, Ana Carolina Santiago. *A nova direita brasileira e sua atuação nos meios de comunicação e na web*. Trabalho de Conclusão de curso de Graduação em Ciência Política e Sociologia – Universidade Federal da Integração Latino-americana, Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em: <<https://dSPACE.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/4137/TCC%20ANA%20CAROL.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 10/04/2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico de 2010*. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 14/04/2019.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: Reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007:101-128. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/06.pdf>>. Acesso em: 06/10/2019.

PORTAL PRAGMATISMOPOLÍTICO [Online]. *Deputado transfóbico do PSL manda Janaína anunciar que ele saiu do armário*. 2019. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/04/deputado-psl-douglas-garcia-janaina-paschoal.html>>. Acesso em 15/04/2019.

RAMONEDA, Josep. *Depois da paixão política*. São Paulo: Editora Senac, 2000.

SANTOS, Luciana Oliveira dos. O Medo Contemporâneo: Abordando suas diferentes dimensões. *Psicologia ciência e profissão*, 2003, v.23, n. 2, p.48-55, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932003000200008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 15/04/2019.



SANTOS, Milene Cristina. *O Proselitismo religioso entre a Liberdade de expressão e o Discurso de ódio: a “Guerra santa” do Neopentecostalismo contra as Religiões afro-brasileiras*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa da Pós-graduação em Direito da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/13873> >. Acesso em: 05/04/2019.

SOUZA, Sandra Duarte de. Política religiosa e religião política: os evangélicos e o uso político do sexo. *Estudos de Religião*, v.27, n.1, p. 177-201, jan.-jun. 2013. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v27n1p177-201>>. Acesso em 13/04/2019.

POMPEU, Ana. As frases polêmicas de Jair Bolsonaro. *Congresso em Foco [Online]*. 2018. Disponível em:<<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/as-frases-polemicas-de-jair-bolsonaro/>>. Acesso em 15/04/2019.

THOMAZ, Danilo. Como a extrema-direita francesa conquistou o apoio de grande parte da população gay. *Revista Época*, 16 de jun. de 2018a. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/mundo/noticia/2018/06/como-extrema-direita-francesa-conquistou-o-apoio-de-grande-parte-da-populacao-gay.html>>. Acesso em 14/04/2019.

_____. Gay de direita, Clodovil é lembrado por polêmicas no Plenário. *Revista Época*, 18 de jun. de 2018b. Disponível em:<<https://epoca.globo.com/politica/noticia/2018/06/gay-de-direita-clodovil-e-lembrado-por-polemicas-no-plenario.html>>. Acesso em 14/04/2019.

_____. Gays de direita: o que pensam jovens homossexuais conservadores. *Revista Época*, 15 de jun. de 2018c. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/politica/noticia/2018/06/gays-de-direita.html>>. Acesso em 14/04/2019.



Right-Wing Gay People and the New Conservative Wave: self-denial and contradiction of conservatism in customs by LGBT+ community members

ABSTRACT: In order to understand the new conservative wave and the contradiction of members of the LGBT+ community who declare themselves conservative in costume terms, this study initially conceptualizes the political spectrum, describes the right wing's history and fundamental concepts, and its historical relationship with Catholicism, in order to understand the aspects of this right wing turn, mainly the one occurred in Brazil with the evangelical movement's influence. At the end, cases of LGBT+ conservative politicians are quoted, with their own ways of counter-revolutionary and counterresistance, performing a critical analysis of this co-optation process in search of a system which use them at the same time ideologically despise them.

KEYWORDS: Right Wing LGBT+. New Conservative Wave. Costume Conservatism. LGBT+ Community.

Alexandre Lauriano COPELLI

Formado em Processamento de Dados pela FATEC de Sorocaba (2010) e aluno do curso de Filosofia da Universidade Cruzeiro do Sul. Atualmente atua como professor de informática.

Recebido em: 15/08/2019

Aprovado em: 04/01/2020